Apresentação

Marcos Gerhardt
Eunice Sueli Nodari
Samira Peruchi Moretto
(Orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GERHARDT, M., NODARI, E.S., and MORETTO, S.P., eds. Apresentação. In: *História ambiental e migrações: diálogos* [online]. São Leopoldo: Oikos; editora UFFS, 2017, pp. 7-10. ISBN: 978-85-64905-68-9. <https://doi.org/10.7476/9788564905689.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apresentação

Este livro tem um tema específico: aborda os possíveis diálogos entre dois campos do conhecimento histórico. De um lado, os estudos sobre migrações humanas; de outro, as pesquisas em história ambiental, que ganharam importância na historiografia brasileira das últimas décadas. Este diálogo é promovido, desde 1992, pelo Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que reúne, também, pesquisadores de outras universidades e programas de pós-graduação *stricto sensu* em História.

Os diálogos possíveis entre esses dois campos consideram os movimentos populacionais pretéritos e contemporâneos, a movimentação de grupos humanos das etnias Kaingang e Guarani por seus territórios, as grandes ondas de imigração de população de origem europeia não ibérica iniciadas no século XIX, as migrações internas posteriores dos descendentes de imigrantes europeus instalados, principalmente, no sul do Brasil e as emigrações, imigrações e deslocamentos atuais, de grupos humanos movidos por razões econômicas ou socioambientais. Consideram, ainda, a atração que os bens naturais disponíveis em outros lugares exerceram, como possibilidade de subsistência ou de ganho econômico, as condições favoráveis e as limitações do meio ambiente aos grupos humanos que passaram a habitá-lo e, com mais ênfase, as transformações que esses grupos migrantes realizaram nos ambientes que ocuparam ou repovoaram.

O capítulo de Sandro Dutra e Silva, José Luiz de Andrade Franco e José Augusto Drummond, abordando *Colonização, desflorestamento e a expansão da fronteira agrícola em Goiás nas décadas de 1930 e 1940*, abre o livro. Ele aborda a história ambiental do desmatamento e da transformação de vegetação nativa do bioma Cerrado, isto é, foca a história das florestas de Goiás, conhecidas como o “Mato Grosso de Goiás”, um enclave de Floresta Estacional Decidual no Cerrado que recebeu, no século XX, um fluxo de imigrantes e sofreu profundas transformações econômicas e socioambientais.

O segundo capítulo, escrito por Marcos Gerhardt, apresenta e interpreta *O relato de Wilhelm Vallentin*, um viajante alemão que percorreu parte

do Brasil no início do século XX e publicou suas impressões e propostas. O capítulo analisa os discursos e argumentos presentes nesta narrativa de viagem e associados à geopolítica alemã, à germanidade e ao aproveitamento dos bens naturais do território brasileiro, especialmente a chamada “floresta virgem”, pelos imigrantes de origem teuta.

João Klug, no capítulo *Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Paul Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil*, propõe-se “a ampliar o conhecimento da rica e complexa história do Vale do Itajaí” e compreender a importância de Paul Aldinger, um dos atores, “para a região e o cenário no qual atuou”, isto é, a Hansa Hamônia entre 1901 e 1927. Entre os diversos aspectos abordados no texto, ligados à colonização, está a relação de Aldinger e dos colonos com o meio ambiente.

O quarto capítulo, *A construção do espaço rural nas colônias de imigrantes do sul do Brasil*, escrito por Manoel P. R. Teixeira dos Santos, discute algumas experiências de colonização por imigrantes no estado de Santa Catarina, em meio às florestas da Mata Atlântica. O autor afirma, ao final da discussão, que a “implantação de colônias de imigrantes do sul do Brasil resultou em significativas transformações ambientais, econômicas e culturais, mas esteve distante de atingir muitos dos objetivos idealizados por seus incentivadores”.

Também com foco em Santa Catarina, Eunice Sueli Nodari escreveu o capítulo *Entre florestas e parreirais: a vitivinicultura no Alto Vale do Rio do Peixe/SC*, que aborda aspectos da história da produção de uvas e vinhos, por imigrantes da etnia italiana e seus descendentes no Brasil, em parte das terras da bacia hidrográfica do Rio do Peixe, especialmente o espaço colonial dos municípios de Videira, Tangará e Pinheiro Preto/SC. As paisagens e o meio ambiente destes lugares, conforme a autora, foram transformadas pelo desmatamento, pela agricultura colonial e pelo cultivo dos vinhedos familiares desde o início do século XX.

Os pinhais da fazenda Quatro Irmãos/RS e a Jewish Colonization Association é o título do texto de Isabel Rosa Gritti, tratando da história da *Jewish Colonization Association*, uma companhia colonizadora criada em 1891 para viabilizar a emigração dos judeus vítimas de discriminações no leste europeu e assentá-los na Fazenda Quatro Irmãos, com área aproximada de 93 mil hectares, no estado do Rio Grande do Sul. No assentamento colonial, contudo, uma das principais atividades foi o desmatamento da Floresta com

Araucárias para a extração de madeira, contrastando com os propósitos iniciais do projeto.

Samira Peruchi Moretto, em seu capítulo, relacionou a *História Ambiental e as migrações no Reino Vegetal*, com ênfase na “domesticação e a introdução de plantas”. Discute, assim, as possibilidades de tomar o transporte ou migração de plantas, a sua introdução em ambientes diferentes do original e a sua domesticação e dispersão, como objetos de pesquisa da história ambiental. Discute, também, a domesticação e dispersão de vegetais relacionadas com os interesses e as migrações de grupos humanos.

Para Marlon Brandt, autor de *Paisagem e uso comum da Floresta Ombrófila Mista pela população cabocla do oeste de Santa Catarina*, as paisagens daquele espaço, onde predominou a Floresta Ombrófila Mista, foram modeladas pela prática do “uso comum da terra pela população cabocla”. O autor sustenta que “a extração da erva-mate e a criação de animais em comum, além de conservar morfologicamente a paisagem florestal, eram uma prática costumeira e uma importante fonte de renda para diversas famílias caboclas da região”, isto é, o modo de vida caboclo incluía “técnicas de manejo da floresta e seus recursos através da policultura itinerante, extração da erva-mate e a criação de animais ‘à solta’, moldando o que pode ser chamado de paisagem cabocla na região”. Abordando a história da mesma formação florestal, no capítulo *O aumento da população humana (colonização e crescimento vegetativo) e os impactos sobre a floresta com araucária, séculos XIX e XX*, Miguel Mundstock Xavier de Carvalho defende que “o aumento da população humana na região da araucária, seja pelo crescimento vegetativo ou devido ao fluxo migratório, teve um impacto de grande alcance na floresta”.

Em *Movimentações e relações com a natureza dos Kaingang em territórios da bacia hidrográfica Taquari-Antas e Caí, Rio Grande do Sul*, Luís Fernando da Silva Laroque analisa deslocamentos populacionais de grupos humanos da etnia Kaingang, do século XIX ao tempo contemporâneo. A cosmologia indígena, sua relação com o meio ambiente, a territorialidade e a reterritorialização Kaingang também são objetos de análise neste capítulo. Estudando a história do mesmo grupo étnico, Sandor Fernando Bringmann escreveu o capítulo *Entre decretos, disputas judiciais e conflitos armados: batalhas entre Estado, camponeses e indígenas pela posse da Reserva Florestal de Nonoai/RS*. Nele, narra e analisa o conflituoso processo histórico de criação da Reserva

Florestal de Nonoai, no norte do estado do Rio Grande do Sul, com destaque para o protagonismo indígena.

María Cecilia Gallero, uma historiadora argentina que vem dialogando com os pesquisadores brasileiros, escreveu o texto *La yerba mate en el prisma de la historia ambiental*, no qual objetiva mostrar as transformações ambientais ocorridas na província de Misiones, Argentina, a partir da introdução dos ervais cultivados, no início do século XX. Estuda o caso da Cooperativa de Productores de Yerba Mate de Santo Pipó, fundada por imigrantes vindos da Suíça que se dedicaram à produção de erva-mate.

Considerando outro espaço, o vale do Rio Doce, no estado de Minas Gerais, o capítulo “*O tempo é a minha testemunha*”: só as pedras estavam aqui, todo o resto é imigrante, de Haruf Salmen Espindola e Maria Terezinha Bretas Vilarino, aborda as sucessivas transformações naquele ambiente, ao longo de dois séculos. Parte dessas transformações socioambientais, em particular aquelas que atingiram as florestas do vale, esteve ligada à imigração e à formação de colônias. Outras transformações foram provocadas por diferentes processos históricos, grupos e atores sociais, com destaque para a mineração, que “produziram uma paisagem híbrida no vale do Rio Doce”.

Fechando o livro, por ter um recorte temporal contemporâneo, o capítulo *A imigração senegalesa: dimensões históricas, econômicas e socioambientais*, de João Carlos Tedesco, discute a saída de população do Senegal, na África e sua imigração para a América, em especial para o centro-sul do Brasil e para a área metropolitana de Buenos Aires, na Argentina. Tedesco explica, nos limites do texto, “a dimensão histórica da atual diáspora senegalesa”. Dentre suas complexas, “múltiplas e correlacionais” causas, estão os problemas socioambientais, isto é, a “emigração passa a ser uma estratégia para permitir o equilíbrio entre a população e as possibilidades do meio em fazer face às dificuldades socioeconômicas”.

Aos leitores, agradecemos o interesse pelo livro que organizamos e desejamos proveitosa leitura. Esperamos que ele sirva para aprofundar a compreensão das muitas interfaces possíveis entre os processos migratórios, um tema há muito tempo estudado, e a jovem história ambiental brasileira.

Marcos Gerhardt (UPF)

Eunice Sueli Nodari (UFSC)

Samira P. Moretto (UFFS)

Organizadores